



# A FILOGENIA JURÍDICA

O Direito, como "conjunto das condições existenciais e evolucionais da sociedade, continuamente asseguradas pelo poder público" ou como "factor dinâmico-social na virtude do qual se realiza o accordo das vontades produzindo a equação dos interesses" (2) é em parte uma criação natural, um todo orgânico determinado por fatalidades bio-sociológicas, e por outro lado, um instituto cultural humano, um aparelho regulador e seletor, de fabricação, politico-social, mais ou menos dependente da vontade dos indivíduos ou classes dirigentes.

A semelhança desses recifes de coral em cuja base os polípteros de zoófitos agitam-se e produzem, enquanto a indústria lhes aproveita e modifica as arestas e os eixos para servir em obras e quebrar, as necessidades da civilização, o Direito apresenta-nos essa dualidade de organismo e artefactual, de natureza e arte, de organismo vivo e cego por um lado e de regra concebida por outro.

Durante muito tempo um suaves aspectos feria a retina dos juristas o aspecto artificial, arbitrário exterior. A chamada escola dogmática ou filosófica não viu por outro prisma as intuições e instituições jurídicas. Fez-se mais tarde a renovação por meio do historicismo de Savigny e seus discípulos. Foi o sinal da renovação dos métodos e das ideias no departamento do Direito. A escola histórica, de fato, entrou e formulou algumas das leis que dominam a nova concepção dos costumes jurídicos. Nem foi prematura a obra realizada pelos humanistas tedescos porque já em fins do século XVIII Jean-Jacques Bentham apresentava a direção que viriam a tomar os respectivos estudos, ao afirmar que encontraria os seis modelos de método mais nas obras de física, de história natural e de medicina, do que nos livros de Direito.

Os métodos das ciências positivas vieram realmente, e por fim, renovar e fecundar as especulações de ordem jurídica. Hoje ao influxo poderoso dessas metodologias, o Direito está sendo devidamente estudado e compreendido. Sob as largas tendas da escola naturalista ou positiva abrem-se os valentes sucessores de Grotiús e Puffendorf, dos Hugo, Savigny e Puchta. (3)

Orientados os novos juristas, uns pelas ideias fundamentais do positivismo francês, outros pelas doutrinas do evolucionismo Spenceriano ou pela teoria darwinica, o Direito deixou de ser para eles alguma coisa de anterior e de superior ao homem, um quer que fosse de inato e de divino, veio tornar-se pura e simplesmente um fato natural, um fenómeno humano, obediente às leis gerais que governam o organismo social.

Esta concepção da sociedade-organismo é capital na matéria de que tratamos porque, como diz muito bem um ilustre sociologista francês "é uma grande ilusão imaginar que se pode ter ideias justas sobre a moral, a politica, a propriedade, o direito ou a justiça sem ter decisão de aprofundar a noção mesma da sociedade". Ora, a decisão é nos fornecida hoje pelos autores mais competentes, no sentido da comparação sanão da equiparação dos organismos naturais com o social.

Os discípulos de Comte, especialmente na ramificação literaria, o grande filósofo inglês autor dos *Princípios de sociologia*, os notáveis publicistas alemães Lillienfeld e Schoeffle e o russo Novicow, os distintos naturalistas Joeger e A. Espinas, os brilhantes escritores franceses contemporâneos A. Fouillée e Julien Ploger, além de outros sufragam e defendem a existência de uma analogia real entre a sociedade e os seres organismos superiores. A ideia, aliás, é antiquíssima, pois essa analogia foi apresentada e proclamada desde Aristóteles e, em época relativamente moderna, por muitos dos grandes filósofos do século XVIII. (4)

É verdade que alguns pensadores modernos, e entre eles Compułowicz, o ilustre autor da *Luta das raças*, rebelaram-se contra a concepção da sociedade-organismo e reputam "sem consequência e sem seriedade científica" as teorias que levam a essa concepção. A isso vê, porém, Julien Ploger responde belamente a Compułowicz e nos que como ele pensam quando diz que a inutilidade dos conceitos que de sociedade e organismo têm certos sociólogos é que lhes dificulta a assimilação de uma sociedade com um organismo vivo.

Mas, por isso mesmo, que o positivismo, o evolucionismo e o darwinismo trouxeram para o campo da sociologia a preocupação constante dos fenómenos e leis biológicas, como base necessária e irrefragável das fenomenologias e leis sociais, foram e são ainda agora levados os juristas a vêr no Direito um organismo sui generis, um que se estruturou e vive, nascendo, evoluindo e findando-se em condições determináveis.

Este modo de encarar a fenomenalidade jurídica é, com efeito, hoje corrente. R. von Ihering (5) escreve: "O Direito, segundo a ideia atualmente dominante, é um organismo objetivo da liberdade humana. Não se contesta mais hoje que o Direito não é, como se julgava antigamente, uma agregação exterior de disposições arbitrárias, que deve sua origem ao pensamento do legislador actual, como a linguagem de um povo, o produto intimo e regulador da historia... O Direito, como criação real, objectiva, tal qual é e se manifesta na forma e no movimento da vida e do commercio exterior, pôde ser encarado como um organismo... Servindo-nos desta imagem nós reconhecemos no Direito todos os attributos de um produto natural: a unidade na multiplicitude, na individualidade, o crescimento, etc... Esta comparação, as expres-

sões orgânica, crescimento natural, etc., estão hoje muito em moda."

E o eminente professor de Goettingen, o poderoso jurista-filósofo que tão corajosamente foi pedir a tecnologia de Darwin o título de uma de suas admiráveis obras, não se limita a enunciar essa opinião: ele a realiza, a põe em pratica no correr do seu profundo trabalho, estudando o organismo do direito romano nos seus aspectos anatómico e fisiológico.

Adotemos o mesmo ponto de vista, que é realmente fecundo, e narremos por ele o nosso estudo. Já antes de nós o brilhantissimo espirito, infelizmente hoje extinto, de Tobias Barreto, tomou esse rumo e fez gallardia e victoriosamente a viagem da ciencia nova.

Assentado que consideraremos o Direito um organismo (sem, todavia, esquecer aquela sua dualidade de feição, que estabelecemos em conceito) passemos a aproveitar-nos desde já de um dos muitos subsidios que a tecnologia e o método da ciencia biológica podem fornecer aos sociologistas. Assim tendo de occuparmo-nos da evolução geral do Direito, tomemos a Ernesto Haeckel, o sábio autor da *Historia da Criacao Natural*, a expressão com que ele designa a historia evolutiva de todos os seres e estudemos nas suas linhas gerais a filogenia jurídica. Devemos entender por isto, como se evidencia do que acabo de dizer, a historia evolutiva do Direito; mas do Direito geral, no seu conjunto, na sua integridade na sua desenvolvimento completa através de povos e tempos.

Se tivermos de analisar neste ou naquele departamento jurídico, mas em alguns dos institutos respectivamente, faríamos então um trabalho de filogenia, porém sim de ontogenia jurídica. Ambas estas expressões são hoje conhecidas e não correntes entre os nossos modernos professores de Direito, pelo menos entre aqueles que nas faculdades brasileiras fundam o cérebro dos seus discípulos com as verdades fundamentais das novas escolas filosóficas constituídas no terreno do relativo e do real.

Max é evidente que não basta deixar provadas a utilidade e propriedade das expressões ontogenia e filogenia jurídica. Para o fim que temos em vista faz-se mister indagar se existe realmente a materia de uma filogenia jurídica; por outras palavras: se ha efectivamente, razão para falar-se em uma historia evolutiva do Direito ou em uma evolução geral do Direito.

A quase unanimidade dos juristas e sociólogos atuais não põe a minima duvida em responder afirmativamente. E a resposta assim concebida decorre aliás da concepção do mundo que presentemente domina todas as theorias e estudos desses pensadores. Tal concepção, com efeito, quer seja dada pelo sistema de Auguste Comte, quer pelas theorias de Herbert Spencer; derive ou do monismo naturalistico de Haeckel ou do realismo científico de Biecher, Moleschott, Langue, Huxley, Letourneau e Lefèvre conduz a vêr na fenomenalidade universal (vidéres e telúrica, compreendendo estas e fals sociais) uma eterna movimentação e desenvolvimento das coisas no espaço e no tempo, um incessante fieri das forças naturais a combinarem-se a transformarem-se, evoluindo da nebulosa para o astro do átomo para a molécula, da célula para o órgão, de homem para a familia, da tribo para a sociedade.

Além disto a analogia já indicada entre a vida vétero-animal e a social da razão aquêles pensadores. Se a sociedade pôde ser encarada com um organismo deve ela estar submetida, pelo menos à lei superior e geral da evolução que foi verificada principalmente nos dominios da biologia. Mas há ainda outras razões em abono da afirmação feita, e estas occorrem com especialidade aos juristas.

Do conjunto das ideias aventadas e defendidas pela escola histórica, por exemplo, respalta uma dessas razões.

Aquella escola, de que já tivemos ocasião de falar acima, e a qual o autor da *Cours de Philosophie Positive*, apesar de sua má vontade aos empiristas da jurisprudência fez honrosa referência por ter ela procurado "ligar em cada época do passado o conjunto da legislação com o estado correspondente da sociedade", não foi só a primeira a postular os métodos jurídicos; ela soube ter um conceito dinâmico do Direito, afirmando, como justamente nota Brugi, que os princípios jurídicos entre todos os povos fazem-se lentamente através da historia e que há íntima conexão entre eles e os que regem os outros fatos sociais, como a religião, o costume, etc.

O notável professor italiano que acabamos de citar, occupando-se do assunto, depois de notar, com grande aceno critico, que o método histórico, restringindo com Hugo ao estudo do direito romano, passou com Savigny a constituir uma doutrina geral do direito privado, e após advertir que o mesmo método com Hildebrand, Roscher e outros renovou a economia politica e o direito publico, escreve o seguinte: "Assim o direito álico, o direito mesquico, o direito indiano, o direito das raças semi-selvagens foram submetidos pouco a pouco a este fecundo modo de investigação (o método histórico). A ideia do Direito (aqui não se pode negar a influencia de Hegel) apparece como uma vasta tela da qual cada povo urde uma trama, que o outro continúa". (5)

Assim é; mas cumpre, entretanto, observar que só em partes as doutrinas de Hugo e Savigny nos ajudam a formular o conceito da lei a que nos estamos referindo. Parece até que o principio de nacionalidade — base da escola histórica — opõe-se

a tal conceito, porque dá lugar simplesmente a uma historia dos direitos e não uma historia do Direito.

Neste particular acompanhemos as vistas de um dizeres de Ihering quando faz a critica das theorias de Savigny e opõe ao de nacionalidade o principio de universalidade.

Com o grande jurista que produziu as obras primas intituladas *Espírito do Direito Romano*, a *finalidade do Direito* e a *Luta pelo Direito*, a lei do mundo físico é também a do mundo intelectual; a vida se rempõe da submissão da natureza do exterior e da sua apropriação íntima; a vida e assimilação são as duas funções fundamentais da existencia e cujo equilibrio são a existência e a existência de vitalidade de toda a organismos. O individuo não pôde subtrair-se a essa lei, não condempna a morte física ou intelectual. A vida é a vida de um povo se compõe de uma serie de interrupção de elementos estrangeiros; mas suas artes, seus costumes, sua civilização, sua vida em uma palavra sua individualidade ou sua individualidade é como o organismo físico e intelectual, individuo o produto de innumerases pressões das pelo mundo exterior ou de empurramentos da natureza. A lingua, os costumes, a religião, as leis, as idéias, os preceitos, a feição da industria, a arte, a ciencia, tudo eheira a communicação e de poder internacional. E a lei se substitua a esta lei geral da existencia.

Trinhamos pelo menos certo que o Direito não evolve com o organismo social e que o modo que ele se desenvolve a marcha geral da vida movendo-se na terra e no espaço através de povos e dos países, seguindo do plano primitivo ao do costume para especializar-se nas regras, leis, leis e nos códigos.

Muito recentemente um espirito de fibra, G. Tarde, *Les transformations du Droit*, tomou a sua lança contra a ideia de uma evolução da lei geral — e exato. Mas não nos parece que a ideia tenha sido de molde a desorientar os juristas e advogados. Outros combatentes saíram-lhe ao encontro e rebateram-lhe os golpes.

Convém agora ordinar e determinar quais as leis que dominam a filogenia do Direito.

O assunto já foi explorado com taquidactilographia por D'Assenzo, que achou, para remeter a vida jurídica — a tradição, a herança e a lei.

O civilista italiano subordinou-se muito ao ponto de vista biológico. A preocupação de sua e a preocupação de onde se descorria todo o panorama da desenvolvimento do Direito.

Nos temos obrigações, porém, de efectuar a viagem íntima de subir até os templos serenos da evolução jurídica, para daí dominar o conjunto dos institutos respectivos e transpor-lhes a directiva superior.

As leis indicadas por Giuseppe D'Agostino (6), sem duvida alguma, verdadeiras; mas devem ser consideradas secundarias simplesmente subordinadas, quando se estudo não este ou aquêle determinado fenómeno do Direito, mas o conjunto da fenomenalidade jurídica. Estudando a familia, a propriedade, etc., o citado jurista não viu mais do que individuos morais a evoluirem nas mesmas condições em que evoluem os individuos físicos. Factorem a priori da especie, que também foi para G. Tarde quando em nome da lei da inibição condenou a evolução geral do Direito.

Tal não aconteceu a um outro distinto jurista filósofo, professor em Modena, Pietro Cognigni, — também se occupou desta materia. (7) Este pretendia estabelecer as leis mais gerais da evolução jurídica, padeceu alguma região mais elevada que aquella em que se quedou o seu compatriota citado e deixando irresolvel por enquanto a questão de saber "se além das leis theoricas e especificas da evolução do Direito, podem ser applicadas a este algumas das leis universais que regem o mundo" destinou as seguintes dentre as primeiras:

— Os códigos de um povo surgem naquelle período em que os costumes e as regras são naturaes e estão a corromper-se; o Direito é primeiramente formado na gens e na familia e passa a povo e transferido ao Estado; a execução das sentenças é primeiro pessoal e depois real, as relações jurídicas antigas se encerram nas formas processualisticas e as formas se modificam, simplificando-se e passando pelo estado do "simulata pro veris".

Há aqui um subsidio importantissimo para a nossa questão; mas como, segundo o proprio autor, aliado, muito é ancora da farsa in questa via, como a maior parte das indicações nos referidos phenomenos que, há muito, deixaram de produzir na vida jurídica, vejamos nos se é possível juridicamente com certa precisão as principais leis superiores da questionada evolução, adotando um ponto de vista novo.

Todo organismo natural pôde ser estudado em examinado sob qualquer destes aspectos ou sob todos eles a um tempo: anatómico ou estrutural, funcional ou fisiológico, morfológico ou plático.

Uma vez que consideramos o Direito um organismo social sui generis, procuremos explicá-lo na marcha evolutiva, encarando-o numa ou noutas dessas modalidades de sua existencia. E para o caso vertente reduzamos essas modalidades a duas: anatómico-fisiológica ou estrutural e orgânica e morfológica ou plática.

Visto no primeiro desses aspectos como tem evoluído o Direito?

Isto equivale a perguntar: qual o modo de evol-





Izidoro MARTINS JUNIOR

# Poesias de Martins Junior

## SONETO

MORREU CONTIGO TUDO, TUDO QUANTO  
ME AVIGORAVA E ME FLORIA A VIDA!  
DE TANTO NORRE ESTÍMULO, QUERIDA,  
SO' ME FICOU O ESTÍMULO DO FRUTO.

AMOR DE ESTUDO, ENTUSIASMO SANTO  
PELO LAVOR, PELA FECUNDA LIDA,  
GLÓRIA, ENERGIA, SONHOS, A ATREVIDA  
MARILIA AO INVENIR QUE ENCAMAJAVA TANTO

NADA SOBREVIVIU A TUA MORTE!  
— E AGORA ESTÁ MEU CORAÇÃO TÃO FRIO  
TÃO ESTERIL, TÃO CEFALO E SEM NORTE,

QUE NEM POSSO DIZER-TE NEM NOMEIRO  
VERSO ARQUEJANTE, DOLORIDO E FORTI,  
COMO DEIXASTE ESTE MEU SON VASIO!

MARTINS JUNIOR

## UMA ESTROFE

VERGHEM DE MINHA ALMA  
VAMOS VAGAR...

TOBIAS BARROS

PINTAM O AMOR ALADO E EU NÃO LHE VOU AS AZAS,  
FENDO AMOR, MUITO AMOR,  
SE ELE AS TIVESSE... ENTÃO TERÍAMOS VAGADO  
PÁ MUITO MENHA FLOR.

(Cultura Acadêmica — 1904)

## A BORDO...

(DURANTE UMA VIAGEM POR MAR)

DESCARNECEM DE MIM O MAR E A NOITE  
JORN DE MIM O CEU PROFUNDO E A LPA,  
ZOMPA O VENTO DE MIM NO SEU ACOTE  
E GARGALHA ME EM VALE A VAGA NUA.

VEEM QUE EU PERFIZO AS VAGAS DO TEU FRIO,  
DO TEU CABELLO A NOITE LUMINOSA,  
DO TEU OLHAR A LUZ MISTERIOSA  
E O TEU SORRISO DOSS, DE AGORA VOU

E VINGAM-SE, CRUÍAS, QUE-ERA EU TEU TE  
AGORA JUNTO AO VELLO QUE É DE ESTELA,  
E GUARDA TAMBÉM, SO' POR SORTE,  
DO MAR DO TEU, DO VENTO DOSS, DA LUZ!

(Cultura Acadêmica — 1904)

## NOITES DE AUSÊNCIA

1ª NOITE

TUDO NEGRO NA TERRA E NA MINHA ALMA DESSE  
SONHE MIM O NOBRE DE TUA SARDIAE PARECE  
QUE ATINGE AO DESPERIO E QUE CRISTE QUE CEE-CE  
QUE AGHIB-CE, QUE DUE QUE TORTURA E LAD INQUIE

2ª NOITE

CAE A CHUVA, LÁ FORA E ESCONDÊ-SE A NITIDEZ  
PELOS MONTES DE ALÉM, PELAS DISTÂNCIAS ILUM,  
EM MENTALIZA TAMBÉM, COMO CHEVIA: JÁV,  
CHOVEM TRISTEZAS MEL E A SAUDADE FLOTA!

3ª NOITE

ELA ESCRVEU-ME... ENFIM A LUZ FEZ-SE EM MEU FLIO,  
E PARCE QUE O CEU DUNOU DE PER ESCUDO,  
JÁ NÃO SONO QUE CAI O TEMPORAL DESERTO,  
DOÍ MENOS MINHA DOR E TUDO É BRANCO E FURO!

4ª NOITE

COMO ME BATE ALEGRE O CORAÇÃO LÁ FORA  
PODE TUDO MORREI NA SOMBRA E NA TRISTEZA,  
ELA POR SIA VIZ TOS SARDIAE E CHUVA  
COMO A NOITE ESTÁ CLARA E CHEIA DE FINEZAS!

(Cultura Acadêmica — 1904)

## SONETO

AS ASAS INDA POSSUES, ALMA! PODES ABRELIAS  
PELA AZULE AMILLO DOS SONHOS ENCAIADOS!  
PODE MORVER A LUZ QUE REVERDECE OS FRADOS,  
PODES MIRAR JOS CEUS A NOTULAS PUPILAS!

PODES LIVRAR-TE, ENUT, PODES LANTAR GLORIOSA,  
PODES TER FORÇA E FE, PODES ILUMINAR-TE  
COM O SERENO CLARAO DA NOBRE LIA D'ARTE  
E PAIRAR, E VIVER NA ESPERA BALISTA

DA CIDADORA ILUSAO TU RESURGISTE, O ALMA!  
TU SAIBES DO POI, DA MODORRA, DA MORTE,  
E VIERAS DESTIHO EM MIM COMO AO LUFA A PALMA!

JÁ ME SINTO VIVER DE NOVO COMO EM FORTE  
JÁ NÃO AFUGO MAIS EM SONGEZA CALMA,  
TENHO AMOR AO E AMOR TENHO IDEAL E NORTE!

(Cultura Acadêmica — 1904)

## NUM CARTÃO POSTAL

(A PEDIDO DE ALMA)

COMO EM CURIOS ROMANO O ATLETA SILENCIOSA  
EM COSTORES DE MUSCULO AS FÉIAS DA LUMEA  
— NA IDEAL AREIA D'ARTE DO DE EU FADER EN RAVA,  
PRESA AO NERVO DO VERSO, A IMPULAVEL IDEAL!

(Cultura Acadêmica — 1904)



Trata-se de um aspecto do ao moderna universa espaço-tempo que fez a cientista de Einstein. É ressaltar que H. Poincaré a certos aspectos, porem a orientade da teoria da relatividade afirmou que a física clássica, diz que a luz é o que a terra não se afimções perfeitas...  
Tinha a palavra a competente. Aqui fica a mente um ligeiro, mexo registro.

Mário José de Almeida  
(O São Gonçalo — 20-12-1913)

# A Poesia Científica

(Esforço de um livro futuro)

2.ª Edição destinada a auxiliar a construção do monumento do autor.

Imprensa Industrial

149 e 51 — Rua Visconde de Itapirica — 49 e 51  
Recife-1914

Página de rosto de "A Poesia Científica", de Martins Junior

# A POESIA CIENTIFICA - De Martins Junior a Francisco Cantarino

O famoso intelectual pernambucano José Izidoro Martins Junior foi, a alguns aspectos, o renovador da poesia no Brasil. E de sua autoria um manifesto intitulado "A Poesia científica" em que, segundo a sua expressão, e dada "um golpe de vassoura" na vintaria que era a poesia do seu tempo. Bilac e Guimarães Passos quasi não tornaram reconhecimento dessa reação e escreveram contra porque esperavam em livro didático o nome do pequeno e forte livro do grande tribuna pernambucano. Entretanto foi o mesmo Bilac quem ouvindo o soneto, "Tempo e Espaço" do seu colega na Faculdade de Medicina, Francisco Antonio Cantarino, o então professor de Silva Jardim, pediu que o mesmo o revisasse afirmando o autor de "Mentira Verba" que raras vezes fazia tal solicitação.

O futuro deputado fluminense e acadêmico bolonês que é o autor deste soneto, conhecia profundamente física e química e, certa vez em Belo Horizonte, desferiu os louvores de Pandia Calogeras, Costa Sena e Augusto de Lima, revelando os seus conhecimentos em ciências naturais. Político, Francisco Cantarino foi modelo de

urbanidade digna a todos os pontos de vista. Militou ao tempo de Souza Mota, Alberto Torres, A. Alves Teixeira de Souza, Belisário Augusto e outros que honram a história da gloriosa pátria fluminense, para usar a classificação de um historiador dos mais ilustres.

Teve, na atuação política, discípulos e companheiros de lutas que merecem referência: Antonio Homem Cardoso Mota, Herculanio Mota, nomes que a modestia não impedirá que sejam citados pois que um dia estudaram a fase mais intensa da política do Estado do Rio na primeira década da República de 89. Assim, nesta breve notula, em que nos referimos ao valor de Martins Junior, como iniciador da poesia científica entre nós, cabe o bem apreendido soneto do amigo cultor de arte e pensamento que foi Francisco Cantarino.

E de notar, outrossim, que há um nome invariavelmente na arte do verso que da plenissima razão a Martins Junior, — e Augusto dos Anjos que, segundo José Wanderley, o vitorioso escritor teatral, assinaria este soneto, não para recomendá-lo para honrar-se com ele, se pudesse ser uma das páginas do

TEMPO E ESPAÇO  
A Alberto de Oliveira  
Pergunto as horas, que se não  
passando  
o que é o tempo que jamais es-  
pera;  
se é o que mede a posição da es-  
trela,  
surgida em giro não se sabe  
quando

Limita o espaço o corpo, o tem-  
po a era;  
o ponto tal ao ponto se junc-  
tando,  
como os momentos vão-se  
acumulando  
em puras relações, que a mente  
lêgra.

O pensamento que o instigou  
lindaça,  
sem conseguir parar na unen-  
sidade,  
um mundo deliza; — em outro  
mundo vaga.

E de uma á outra idia vai, e  
le quando ha de  
o termo achar, da mente a luz  
[se apaga  
no CAOS do espaço, — a luz  
da eternidade.

É um soneto científico den-  
tro de noídes universais.

Francisco Antonio Cantarino  
cultivou a música e a pintura,  
sendo notável aluno de des-

nho do tradicional Instituto  
Pereira, fundado em Nova Pri-  
burgo pelo educador João Hen-  
rique Proença o professor de Ca-  
samiro de Abreu, conterrâ-  
neo e amigo de Francisco Can-  
tarino.

Escrveu para o teatro,  
F. Cantarino produziu dramas  
e comédias levados a cena com  
êxito seguiu em antigo teatro  
que existia no Município de S.  
Pedro d'Alcoba, sua terra natal.

Catelo da Paixão Cearense,  
Raul Pederneras e o professor  
de matemática, física e quími-  
ca, Dr. Miguel A. Tezorio d'Al-  
buquerque, louvaram este soneto  
a varios pontos de vista.

# A A R T E FRAGMENTO - MARTINS JUNIOR

Ariel! Mulher lírica, criatura encantada,  
 Enxameado do sol, filha de uma alvorada  
 Que alguns sem deus da Vênus Grécia heróica,  
 — Tu, quando-te! Tu, que hauradamente esteio  
 Teu sabido guardar na epiderme de opala  
 A estrutura da flor que um lago manso cubala  
 E a rigidez crua de uma lâmina aguda;  
 Tu que tu comparas a uma elétrica Amazona  
 Cheia de força arreste e de beleza muda  
 A esperar, em corbel fantástico, esta zona  
 Onde a vegetação dos ideais rebenta;  
 Assimada, em luz, gloriosa, rebentada;  
 Tu que tu a podresca e a plúmia expreda  
 Toda vida interior que vive o coração  
 Humano, e que rúbite em ossa inteligência  
 Como navegem na mar ou um bom na consciência;  
 Tu que tens por tarefa inepetlar o mundo  
 Colorido de azul, com a linha do profundo  
 Das das Búrdas e da Utopia lousa;  
 — Tu, das de, para mim, ser sempre imorredoura  
 Entre desta alegria e bravura serena  
 Que dormem no seu seio e fazem-me da pena  
 Tu florada lavrada, em cuja folha canta  
 A corola de uma harpa heróicamente santa!

Como tu não jetado, estranha criatura!  
 E como tens sofrido! Essa pupila escura  
 De tanto viu morrer Chatterton, Malfilatre,  
 — Almas presas a dor, corpos presos ao caire  
 Via Homero cômico sem sandália nos pés,  
 Via lá a guilhotina o poeta do *Hermes*.  
 Via a prisão de Tasso, o exílio de Camões,  
 Via Gerard de Nerval buscando as solidões  
 Nos becos de Paris para encontrar-se, viu  
 Os martírios de Hugo! — E que pranto calu  
 Tu tu enduro olhar amplo amoroso e quente  
 Sempre que ele encontrou faces malhas em frente!

Mis Ariel, o teu valor não se verga jamais!

Como um remo que cinde uma onda, tu vais  
 Essa terra, fêz, correndo o globo inteiro:  
 Passando aqui, cithindo além, servendo o cheiro  
 Lembrado e mistral dos jardins enfiados;  
 Quando não só as almas como os prados  
 Sentindo ao mesmo tempo as palcos explosivos  
 Os vícios bestiais clinicamente abrem  
 As cordas crucis nos caules afrontosos.  
 E tu, verçes tropicais, os pomares azuisos,  
 Rêem, na luz do sol, verdes como abalo!

Neste momento eu vejo um d-silumbrante e cinto  
 De cinturas, a por no teu busto sagrado  
 Uma nuvem de incenso obscuro e nevado  
 Das de um lado as viris e húmidos portadores  
 Das fecundas fezes, dos sonhos e labores.  
 De Balzac, o escritor deste marinar — Gerard,  
 E do outro lado são os erêbios em que andou  
 A loba de Lucrécia inspirando a valente  
 E tendo sem par da Poesia que ante  
 O signo da Ciência entremurcha o peno.

Então, então, no ordo do rebusco preto;  
 Flaubert, Zola, Baudelaire, os Goncourt, — a pujante  
 Puerícia fraternal, anatera e travejante  
 Dos modernos, dos bons espiritos geniais,  
 Que já não vão correndo, errando, atras  
 Da serena fatal dita Imaginação  
 Os Fantasia, e têm na sensorio a visão  
 Nítida do Real e da Verdade — Além  
 Vio Coppée, Laferte, Stuppi, Bartrina,  
 Bernheims, Sully. — E em meio do vi-vam  
 Das novas odes vejo o busto da heroína  
 Alcega, redolando o Prometeu!

O Ariel!  
 Vamos! E desprezar as azas do estandarte  
 E seguir! Deves ser em tua enorme fúria  
 Como vela do navio, que, enquanto não amaina  
 O vento, arqueia o bojo e desafia a vaga.  
 Não importa sentir a maldição e a praga  
 Da Rotina bogol, que às tuas plantas ladre!

Tuas muito que explorar. Tudo quanto se enquadre  
 Na larga psique da Humanidade, — deve  
 Ser pra ti um farol radiante que te leve  
 Ao país do Ideal!

Desde a pérola — pranto  
 Até o riso — fúor, até o perfume e o cano.  
 Desde o infante gracil até o herói ferido;  
 Desde um eterno amor até o amor vendido;  
 Desde a marcha dos sóis até a das idades;  
 Desde o progresso humano até as claridades  
 Nervosas do luar; desde as paixões serenas  
 Até o Ódio e a Dor — negros como gchenas;  
 Desde um seio de amante e um regaço de esposa  
 Até o vegetal que junto de uma lousa  
 Cresce, na selva má do barro fenerário;  
 Desde um fio de azul, e desde um nectário  
 Até a casta luz do astro da Verdade;  
 Desde a Glória Imortal, a Bravura e a Bondade  
 Até a planetária irradiação da Ciência...  
 — Tudo deve atrair a doce transparência  
 De teu fêlido olhar meditando e puro!  
 Ariel! Em teu ventre cresce este feto — O futuro!

MARTINS JUNIOR

Houve dois momentos, um  
 na história do globo, outro na  
 história da humanidade, em  
 que das fantásticas regiões do  
 norte da Europa, desencadea-  
 ram-se tempestades indescrití-  
 veis a assolar medonha e vio-  
 lentamente as bandas do melo-  
 dia. O primeiro foi quando das  
 mais altas altitudes da Escan-  
 dinávia desceu, no período qua-  
 ternário, aquele oceano impetu-  
 oso que, com o alívio de suas  
 ondas, desagregou rochas, aluiu  
 montanhas, cavou mil vales,  
 imprimindo ao tegumento ter-  
 restre, naquela parte do plane-  
 ta, uma fisionomia estranha-  
 mente nova. O segundo foi  
 quando das misteriosas flores-  
 tas de Germânia saíram em  
 hordas indisciplinadas, mas  
 invencíveis, aqueles barbaros  
 "de olhos feros e azuis, cabelos  
 ruivos e estatura elevada", que,  
 no século V, ruiuam epilépticos  
 contra o império romano do  
 ocidente e depois de desmem-  
 brarem o colosso espalharam-  
 se por quase toda a Europa,  
 gloriosos na plenitude da força  
 e da vitória.

— Dos cataclismos, dir-se-á.

Sim; mas dois cataclismos  
 necessários e de resultados felici-  
 ssimos.

A revolução geológica deu aos  
 europeus o solo em que hoje

pisam, dezanudou as montanhas  
 que atualmente estão crivadas  
 de tancas e galegadas por via-  
 duetos, formou os leitos dos rios  
 e opulentes-lhes as nascentes  
 a revolução humana lançou as  
 bases de um outro estado de  
 cousas, fundou nacionalidades  
 novas, alargou o círculo da his-  
 tória e a esfera da atividade so-  
 cial.

O povo que provocou estes úl-  
 timos acontecimentos e que  
 concorre de modo direto para  
 que eles se realizassem deve ser  
 encarado com simpatia e estu-  
 dado com interesse.

Ora, este povo foi o germano.  
 Fazamos, portanto, rapidamen-  
 te, sua psicologia.

Hamé dessa grande Arvore  
 ariana cuja fertilizante sombra  
 projetou-se primeiro nas vizin-  
 hanças do Himalala e em se-  
 guida estendeu-se na direção de  
 oeste, como que acompanhando  
 a marcha aparente e diluturna  
 do Sol; os germanos, como os  
 celtas, os helenos e os itálicos e os  
 lituano-eslavos, trouxeram pa-  
 ra a Europa as tendências pe-  
 quenas da raça máter e mesmo  
 alguns resquícios das primiti-  
 vas instituições religiosas e so-  
 ciais do tronco comum.

Mas tendo-se diferenciado e  
 especializada as aptidões de ca-

da um desse grupos da família  
 indo-europeia, tendo-se modi-  
 ficado progressivamente a in-  
 sternaia, de cada um sob a  
 pressão do condicionalismo in-  
/>
 tellectivo, veio o celtico, o ma-  
 gico a separar-se profunda-  
 mente do dos outros povos in-  
 do-europeos, e especialmente do dos  
 helenos e latinos. Ao passo que  
 estes, saídos muito cedo da pri-  
 mitiva tenda ancestral, e logo  
 estabelecidos sob mais doce cli-  
 ma e sob céu mais puro, pre-  
 paravam a argamassa que ia  
 servir à construção do surpre-  
 endente edificio greco-romano;  
 aqueles — os germanos — in-  
 ternavam-se independentes e  
 errantes pelas terras do norte,  
 acampando, quase nunca na mar-  
 gera dos rios, caçando e com-  
 batendo sob a folhagem espessa  
 e rumorosa dos bosques hirci-  
 nicos ou nas clareiras pavorosas  
 da Floresta Negra.

Uma tal existência nômade,  
 acidntada e aventureira, des-  
 pertou e encendrou nestes bar-  
 baros o sentimento de amor e  
 veneração pela valentia e pela  
 força e, como consequência, o  
 respeito pelo valor individual,  
 — fonte de toda conquista e de  
 todo poder.

("Páginas Escolhidas", 2.<sup>a</sup> to-  
 mo, por João Ribeiro).

J. IZIDORO MARTINS JUNIOR

## FRAGMENTOS

## JURIDICO-PHILOSOPHICOS

"Ego tamen tam ex dictis omnium  
 quam etiam ex mei intellectus modici-  
 tate talem trado doctrinam."

RECIFE  
 TYPOGRAPHIA APOLLO

Prça da Concordia, 5

1891

Página de rosto de "Fragmentos Jurídico-Filosóficos", de Martins Junior





UMA ESTÁTUA -- CELSO VIEIRA

a multidão enfiada do Rio grande a mesma piedade e se apóia no mesmo socorro, e se ergue a pregação grandiosa do paraíso. Desgrana os seus seios a uma fúria, e um mundo murmurar em corações de violões das nações turfas. O que se vai perpetuar, sobri- o e o resplando, e agora, o doze mil colinas de uma figura almeada,

da catástrofe, na formosa situação do jurista quase imberbe, os princípios demolitores, as idéias subversivas... e toda a murmuração do excêntrico se converteu para Martins num sussurro admirativo, a exatidão por sobre a intolerância e a injustiça do trono vacante. O trono ridículo, mas dessa ruína Martins não quis fazer o pilão do seu segundo reinado, e, a dorça desgarrada do seu tráfego político, a exemplo de Castilhos e de out-

Há flores que se abrem ao  
meio-dia, e se fecham ao  
anoitecer, e há flores que se  
abrem à noite, e se fecham  
de manhã. Há flores que se  
abrem e se fecham ao mesmo  
tempo, e há flores que se  
abrem e se fecham em  
tempos diferentes. Há flores  
que se abrem e se fecham  
em tempos diferentes, e há  
flores que se abrem e se  
fecham em tempos diferentes.

Não na culminância tanta se  
compara a perfeita majestade  
quanto o despesa das Musas  
humilhadas... São atriões do  
fundo espesso e opulente e que  
reunida na sua tribo, a Sil-  
fida de juze contorcida e alim-  
de descuradas braccia, alula, da-  
da e a enigma das vidas huma-  
nas. E a estrela anunciadora  
velha, bem o'la, lá onde não  
chegam a clamar e a tropel do  
nosso v'zago, mas quando  
se estende nos mares a outra  
pousada pelo caminho florido  
entre das lendas.

São porventura menos des-  
tino e eficiente a obra dos pa-  
redores, assim reclusos, em  
pela? Não o acreditão. O ar-  
bitrio de Knechtner imprimi-  
ra a direção as forças intelle-  
tuais do Ocidente e apenas as  
de casa do estudante, para de-  
o seu passioo, habitual sob a  
frendes do tardim público. A  
mais tumultuosas correntes que  
resistiram a história dos nos-  
os dias, as correntes denota-  
dores que atingiram e desloca-  
ram instituições praticas, de  
base formidável, protestando  
sombra de costumes sacramento  
através dos séculos, remontam  
ao eterno trebalho de alguns  
filosofos, cuja existência fluiu  
no isolamento e na meditação  
do seu gabinete. Nem revopos  
por aqui tantissos de cronista  
A obra é de Gabriel Tarde,  
sociologo, cenealrari do Insti-  
tuto de France, homem de es-  
tadística e de boa doutrina  
muito construtor de teorias  
puesas.

A esse resultado, no qual apareceram as bellas mais la-  
badoras e diligentes, estava ja-  
doz Martinus por sua aristocraci-  
cia de (Pittagora), e de carater  
falta de carater no falo, sensibili-  
zando impromptu com as ter-  
minas e espancadas grossas  
da mão. Mas não restou o  
colosso dos princípios austeros  
e em ra de se fecha-  
na concepção, nos segredos do  
estrutur, no amoroso levar d

uma obra durável, foi arrepanhada como Demétriothens das massas. Que é das suas orações, algumas delas verdadeiramente admiráveis, desdobrando-se num largo estilo revolto e descriptivo, em que havia arremessos de cascadas líricas, o estrondo e o embate das vagas ameaçadoras contra as pedras, os vórtices de profusão e poeira de batalha, um faiscar de glória rutilante e ardente, penetrado à Virgília, e a entrase final da República, sempre a mesma, sublimada da obra das milénicas sociedades? Todas estas coisas, porém, e as ponderações no fim da vida humana, em que tanta coisa se perde, se não se acham o mesmo o jogo artificial das discussões encucado no despolido e estrafado, e rebolha frouxamente nos ares. Mais da quecia dava a canção, efêmera como o pó, pois lá ninguém recorda os apostatos, solenes de Virgíliano e ainda lá corações que se aborrecem, tristes que se acham à medida da — "Chorões, má, bella!" Sobretudo a cançoneta, reinstante a parir de saute a evocar na luz do bambreiro, não trocava a sua ligeireza, emmanetada ao monte à das cançonetas, por esta hora de arlaues e poeira da claudicância das versas. Ide para crumir a glória ceteronica, frouxa e indecisa e sem se desmentindo entre os cinzas de uma língua morta. Porém, infante na enfadadíssima quando reconhecemos na fábula de um Soneto os Castilhões da Cioera. Ousado à claudicância do nobre Brasil, não vos coadunou em fulgurante, e nos vos detém entre os povos da América poltrona sem fôlego final: "Como já fora bem espreta razão!"

Sobre a atividade política de Martins a opinião dos brasileiros que distribuíam os emblemas e passavam os programas foi geralmente-se em duas palavras: "Um desastrosado."  
"Não foi ele talvez, outra coisa, um antes as forças indisciplinadas incutidas do Acaso nacional combinando-fas por acaso, e finalmente, o grande erro de quem tentamos desorientar a opinião sobre o amor e o amor-primeiro a cada instante recitando e velando, obscurecendo a história mais entusiasmada, e também a mais obscura ao reagir ao peso das males, terá sempre um minuto de alacridade intimista de evidência trágica, que ao mesmo tempo a sua própria, do seu fetiche e o centro da sua disciplina. Por duas ou três vezes, Martins Junior começou na terra pernambucana a suprema reinterpretação das almas sociais, e quando o humilharam mais alterado ao tema de sua vida, ele se despendeu inteiramente no otimismo entre o gaudío exclusivo e a surrieda insubordinada das adversidades. Refratário nas mãos de todos os poderes, teve as suas pernas, dando quase todas as influências locais. Porém a fidelidade a disciplina da Vantade, a religião e masculina disciplina a

rat dos espíritos organizadores, nada conseguiu disciplinar e submeter. Foi um desperdício e foi um impulso, acrescentando poderes estrafalhões, não apoiado pelo casado latino que ante o ruído exteriorista dos seus filhotes, mas por ausência de fato nas relações oficiais, gueto de arrogância e mostras de autoritarismo inapropriado, descaído, desleído ou acedente em mimbrado, pecava semida em parafusos e espíritos, torção de um índole, castigada num joio "point d'honneur" de que se arrendava mais tarde.

[illegible]

do, o grupo de amigos pela multidão da Fátima, que tudo mundo os cercava, puxa a orelha para os rumores de que os dois foram de Brasília e se reuniram. Um grupo de amigos telefonamente. Não, disseram que ainda estavam os melhores queridos aos domingos, o tempo de ir, uma grande aspiração de fé, eis aqui o primeiro de tempos sociais de Martins.

Ele fugiu de vez a curiosidade de experimentar da turba que a havia atraído de volta. A primeira vez ao Rio, com a tristeza da sobrecarga política, o erro de seu transcurso.

A machorra não erra na sua análise: remediada e suprimida a herda familiar dos inventores devarouos pelos ambiciosos e comulantes ou de successo. Vem a, no credo, na que preferem alamar-se neste corredouro de trevas caladamente na sua terra e a dar-lhe humilhantes de acentuados paralis, nem o despois recorda-se no silencio em que referem indies: pecu a rrevela falado na coragem das trevas, almoritadas a haurir d'escravidão numa publicidade pterfura: pecu a lousura e a rrevela do fundo fundador das ceteras e a melancolia dos seus extintos, os farrapos de rrevela animal e a desespeço do espirito impotente ou do rezo q'uo abetido. Essa figura de pteru ou burlesco, pteru de dolo e posar na sua maldade: vivem: delat-se rreter na sua pteru. Lacerar-se que rrepar mchidos assim na. Destino.

Mortins viveu e passou afora da cidade no mesmo local de antiguidas seculares. As portas afora, sem rumo, aberturas e alicerces na treva, encalhar numa confidência, o mesmo colapso de confiança, a desceção do seu grande talismão. Incompreensão, as amarguras em sua alma desbordante de lei. A morte cerrou-lhe os olhos e a alma, desoladamente, com os longos dedos magnéticos e seraficos tal como a idealização a musa de Beaudelaire. Então as portas lembraram o que se perdeu naquele estor de moribundo, o que se esvaziou na fuga daquela sombra — e a moribundidade das escolas, retinências do afinal o despojo. emulções

(Continua na pág. 253)



Martin, 2001, p. 100.

dos dos mocos republicanos de  
o socialista, quando veio des-  
-são do sonho da propa-  
-da, mal definido e incerto, e  
-rreio, curioso do 15 de No-  
-vembro.

...ambuco está retridendo  
...o flocos, na enciclopedia da  
...da sua missão, na sua  
...a realidade, e os ideais  
...e pelo verbo facen-  
...das camélias, a flama que  
...o asfalto, esmurruar, a  
...e pouco se estender, ba-  
...e extremamente de todos  
...e todos os raios de

Os Paes monarchicos do  
Brasil do indifferente não ten-  
ham a creder e crederem a respeito  
de um facto de um heroi, ge-  
neral do paladino da Justica  
marcha por entre as indolencia-  
das e villosas. Heranias não  
sempre de conquistas e de  
victorias memoraveis, nem se-  
mente a relembrar a colomna  
de um edicio, que haurece  
segundo do infinito misterio  
dos millos e dos seres para ver-  
dadeira, ou a claridade do  
sua e quem derese um po-  
deroso de sua lei, ou ane-  
do a de facto em suas obras  
e a de e com elle fuisse, a  
que se trata de um heroi a  
de sua estatura. Desti-  
na a herencia a que se vai, en-  
ta, no puer de um golpe de  
uma sua se a estatura acen-  
na a estatura ou no molde-  
do da estatura, no torrente do  
misterio amaldizoados e fundi-  
dos ou no ansioso reliquo a su-  
prim imperfeições e arestas.  
E enquanto o bloco se adolece  
e transparece o contorno remor-  
dido pelo hui, toda aquella  
estatura de novo se corpora  
em sua refulsa de aquarela, in-

[illegible]

As mãos e peitos que nod-  
ria Marília apropriar-se da  
imagem de Stuart Mill, sem des-  
carnar o de outro nem requê-  
rê-lo de si própria. Era com efeito  
na parca solidamente amarelada  
da qual as raízes mais agra-  
tadas, para os mais repletos  
combates à espora do tempo que  
lhes entusiasmava as velas. Nas  
suas acções, perante uma  
congregação rendida àquela sa-  
ber lúcido e juvenil, comen-  
çava um esforço a tábua de con-  
cursos em que, desbaratados  
por um ou os oppositores, fulu-  
riza o seu nome de vencedor e  
preconiza sobre a má vontade,  
preconceito, a catúrrice e o  
dogmatismo inflexível dos tra-  
dicionais. Rejeitava esse no-  
me o governo imperial, temendo  
a propaganda a semente do alto



Um autógrafo de Martins Junior — Uma quadra num postal  
enviada a um amigo

(Continua na pág. 253)













NO BRASIL -- JOSE' DE SA NUNES

Antes que seja publicada a circulares N.º que, em 1939, o Conselho de Administração da Companhia Brasileira de Cimento Portland, S. A., aprovou, a Associação Brasileira de Cimento Portland, fundada em 1933, não estava constituída. A Associação Brasileira de Cimento Portland foi fundada em 1933, não estava constituída, e, portanto, não pôde ter sido a entidade que, em 1939, aprovou a circulares N.º que, em 1939, o Conselho de Administração da Companhia Brasileira de Cimento Portland, S. A., aprovou.





# Nota para a biografia de João Ribeiro

**Antônio de Azevedo e Livros**  
João Ribeiro nasceu em São Paulo, em 1885, e morreu em 1944. Foi um dos maiores escritores brasileiros da primeira metade do século XX. Sua obra é vasta e abrange diversos gêneros literários, incluindo o romance, o conto, o ensaio e a crítica literária. Ele foi também um importante crítico literário e um dos principais responsáveis pela introdução da literatura estrangeira no Brasil. Sua biografia é uma tarefa complexa, pois ele deixou um legado literário muito rico e diverso.

João Ribeiro nasceu em São Paulo, em 1885, e morreu em 1944. Foi um dos maiores escritores brasileiros da primeira metade do século XX. Sua obra é vasta e abrange diversos gêneros literários, incluindo o romance, o conto, o ensaio e a crítica literária. Ele foi também um importante crítico literário e um dos principais responsáveis pela introdução da literatura estrangeira no Brasil. Sua biografia é uma tarefa complexa, pois ele deixou um legado literário muito rico e diverso.

João Ribeiro nasceu em São Paulo, em 1885, e morreu em 1944. Foi um dos maiores escritores brasileiros da primeira metade do século XX. Sua obra é vasta e abrange diversos gêneros literários, incluindo o romance, o conto, o ensaio e a crítica literária. Ele foi também um importante crítico literário e um dos principais responsáveis pela introdução da literatura estrangeira no Brasil. Sua biografia é uma tarefa complexa, pois ele deixou um legado literário muito rico e diverso.

João Ribeiro nasceu em São Paulo, em 1885, e morreu em 1944. Foi um dos maiores escritores brasileiros da primeira metade do século XX. Sua obra é vasta e abrange diversos gêneros literários, incluindo o romance, o conto, o ensaio e a crítica literária. Ele foi também um importante crítico literário e um dos principais responsáveis pela introdução da literatura estrangeira no Brasil. Sua biografia é uma tarefa complexa, pois ele deixou um legado literário muito rico e diverso.

João Ribeiro nasceu em São Paulo, em 1885, e morreu em 1944. Foi um dos maiores escritores brasileiros da primeira metade do século XX. Sua obra é vasta e abrange diversos gêneros literários, incluindo o romance, o conto, o ensaio e a crítica literária. Ele foi também um importante crítico literário e um dos principais responsáveis pela introdução da literatura estrangeira no Brasil. Sua biografia é uma tarefa complexa, pois ele deixou um legado literário muito rico e diverso.

## Algumas reflexões de Shakespeare

**Reflexão de Apemantus** — Minha mulher é o bem-feitor de minha carne e de meu sangue; assim que faz bem à minha carne e ao meu sangue, assim a minha carne e o meu sangue; aquele que ama a minha carne e o meu sangue é meu amigo. Logo, aquele que beija a minha mulher é meu amigo.

**Reflexão de Titon** — Tudo é bom. — A. I. S. (Titon de Atenas)

**Reflexão de Olívia** — Eu como quisesse, Maria, que eu de Olívia, amecia o luto de ser enforcado, pela sua morte. O bobo respondeu: Que dia me enforcou? Olívia está bem enforcado nestes dias nada tem a temer!

**Reflexão de Othello** — Não, senhora, porque eu vos demonstrei que sou um louco?

**Reflexão de Othello** — Vamos à prova, em nome de minha paixão.

**Reflexão de Othello** — Boa senhora, por que está de luto?

**Reflexão de Othello** — Meu caro louco, pela morte de meu irmão.

**Reflexão de Othello** — Eu creio, senhora, que sua alma está no inferno.

**Reflexão de Othello** — Mas eu sei, louco, que sua alma está no céu.

**Reflexão de Othello** — Assim, pois, não lamente porque mordeu luto pela alma de meu irmão que está no céu.

**Reflexão de Othello** — Como Olívia se refere com confiança aos loucos, em conversas com Melíola, o duque faz este voto: "Que Mercúrio te dê o dom de mentir em recompensa de fazeres bem aos loucos."

**Reflexão de Othello** — Reflexão de um marido enforcado. — Aquele que se alegria

**Reflexão de Othello** — Minha mulher é o bem-feitor de minha carne e de meu sangue; assim que faz bem à minha carne e ao meu sangue, assim a minha carne e o meu sangue; aquele que ama a minha carne e o meu sangue é meu amigo. Logo, aquele que beija a minha mulher é meu amigo.

**Reflexão de Titon** — Tudo é bom. — A. I. S. (Titon de Atenas)

**Reflexão de Olívia** — Eu como quisesse, Maria, que eu de Olívia, amecia o luto de ser enforcado, pela sua morte. O bobo respondeu: Que dia me enforcou? Olívia está bem enforcado nestes dias nada tem a temer!

**Reflexão de Othello** — Não, senhora, porque eu vos demonstrei que sou um louco?

**Reflexão de Othello** — Vamos à prova, em nome de minha paixão.

**Reflexão de Othello** — Boa senhora, por que está de luto?

**Reflexão de Othello** — Meu caro louco, pela morte de meu irmão.

**Reflexão de Othello** — Eu creio, senhora, que sua alma está no inferno.

**Reflexão de Othello** — Mas eu sei, louco, que sua alma está no céu.

**Reflexão de Othello** — Assim, pois, não lamente porque mordeu luto pela alma de meu irmão que está no céu.

**Reflexão de Othello** — Como Olívia se refere com confiança aos loucos, em conversas com Melíola, o duque faz este voto: "Que Mercúrio te dê o dom de mentir em recompensa de fazeres bem aos loucos."

**Reflexão de Othello** — Reflexão de um marido enforcado. — Aquele que se alegria

**Reflexão de Othello** — Minha mulher é o bem-feitor de minha carne e de meu sangue; assim que faz bem à minha carne e ao meu sangue, assim a minha carne e o meu sangue; aquele que ama a minha carne e o meu sangue é meu amigo. Logo, aquele que beija a minha mulher é meu amigo.

**Reflexão de Titon** — Tudo é bom. — A. I. S. (Titon de Atenas)

**Reflexão de Olívia** — Eu como quisesse, Maria, que eu de Olívia, amecia o luto de ser enforcado, pela sua morte. O bobo respondeu: Que dia me enforcou? Olívia está bem enforcado nestes dias nada tem a temer!

**Reflexão de Othello** — Não, senhora, porque eu vos demonstrei que sou um louco?

**Reflexão de Othello** — Vamos à prova, em nome de minha paixão.

**Reflexão de Othello** — Boa senhora, por que está de luto?

**Reflexão de Othello** — Meu caro louco, pela morte de meu irmão.

**Reflexão de Othello** — Eu creio, senhora, que sua alma está no inferno.

**Reflexão de Othello** — Mas eu sei, louco, que sua alma está no céu.

**Reflexão de Othello** — Assim, pois, não lamente porque mordeu luto pela alma de meu irmão que está no céu.

**Reflexão de Othello** — Como Olívia se refere com confiança aos loucos, em conversas com Melíola, o duque faz este voto: "Que Mercúrio te dê o dom de mentir em recompensa de fazeres bem aos loucos."

**Reflexão de Othello** — Reflexão de um marido enforcado. — Aquele que se alegria

## Delírio

**Qual nos sonhos horríveis do preito**  
Sinto em meu crânio o ferver da maldade  
De ideias mii, cruéis;  
Ideias que ao surgir logo vacilam,  
Bobem, desçam, se embatem, se aniquilam,  
Pra surgir outra vez!

**E quando o acaso de um clarão mais doce**  
Nesse antro penetra onde apagou-se  
A esperança e a luz  
Horrorosa de ver! Nem mesmo a ossada  
De uma criança síquer, lá sepultada,  
Na escuridão reful!

**Meu peito qual ninho abandonado**  
Do vento da desgraça arremessado  
Da vida no aréal  
Ali somente a morte à noite uíula  
E a raiva — e a cascavel — chocalha; e pula  
A dor-negro chacal!

**Chora minha alma-criancinha louca —**  
No deserto perdida, exausta e rouca  
De chorar, de gritar!  
Talvez que um dia Deus te ouvindo o grito  
Te tome para si lá do infinito  
Num ralo de luar!

**E então — quem sabe? — na luxente alfombra**  
Nebulosa talvez, talvez a sombra  
Da face do Senhor —  
Colherias tanta estrela em teu regaço  
Que seja pouca a vastidão do espaço  
Pra conter as auras que o teu braço  
Lance pra terra, num sorrir de amor!

**Recife, 1880**

**ALGUNS VERSOS DE MARTINS JUNIOR**

**CARTÃO POSTAL**  
A MME. SOUZA BANDEIRA

NA GAIOLA GENTIL DESTA CARTÃO, AVENAS  
CABEÇA, SE TANTO, UM BRINHO DOURADO;  
NUNCA O PASSARO EXUL DO VERSO ATOMENTADO  
QUE DO MEU IDEAL ESCOVA NAS GAIOLAS!

Agosto — 1940 — (Cultura Acadêmica — 1940).

\*\*\*

NESTA ESTRADA SOMBRIA FIM DO LUZ AVISTO  
QUE MEU INCERTO PASSO ALUMIA E ORIENTA  
— E O FOGO FATIO EXUL OU ANÍMO QUE FERVENTA?  
E VAGALIMOS E BOLA E SANTILHOS, TUBISTO  
DE SONTAR LHE O FULGUR DE KAYANAH LHE A SENSUALIDADE  
— MARFOSA FLEBIL, VOU MORRER-LHE NA ARGUMENTAÇÃO!

(Cultura Acadêmica — 1940).

\*\*\*

PODEM PERANTE MIM PASSAR TODAS AS GLÓRIAS  
DA HERESA E DO FAUSTO, ESTUPÍDAS DE DEUS  
AS HISTÓRIAS DO AMOR DO AMOR AS MÍL DE FLORES,  
AÍH TUDO PASSARÁ! FICARÁS TO ALIENADO!

FICARÁS COMO UM SOL DOMINANDO UM PLANETA,  
FICARÁS COMO UM SOL ACUATADO SOBRE UM MÍL DO,  
— O MUNDO QUE MINHA ALMA ESTUPÍDULA, INOÍVELA,  
— O PLANETA DO AMOR LUZIDO EM CÉU PROFUNDÍ!

(Cultura Acadêmica — 1940).

**MARTINS JUNIOR**

# PÁGINA DOS AUTORES

## MARIA DE LOURDES PIRES DA ROCHA

Maria de Lourdes Pires da Rocha, que também se assina Maria de Lourdes Leão, é natural de Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul. Filha de João Vilhena da Rocha Pinto e de d. Abilina Bueno Pires da Rocha Pinto, é casada com Mucio Leão e exerce o cargo de Inspectora Federal do Ensino Secundário.

Por os seus estudos como aluna na livre na Escola Nacional de Belas Artes e posteriormente no Instituto de Belas Artes de Porto Alegre, tendo sido aluna de Modesto Brocos, Pelichek, Libindo Ferraz e Carlos Chamberlain. Usa o pseudônimo de "Raul de São Victor" e "Enola", nas páginas de "Autores e Livros".

Estudou no Salão de Belas Artes de 1942, na seção dos Modernos, obtendo menção honrosa. Em outubro deste ano fará uma exposição dos seus trabalhos, no Instituto dos Arquitetos do Brasil.

## BIBLIOGRAFIA DE MARIA DE LOURDES PIRES DA ROCHA

Ritua, "ballet" em 4 quadros, com orquestração de Eleazar de Carvalho e coreografia de Vasilav Velichek. In Autores e Livros, vol. V, pag. 141. (Assinada Maria de Lourdes Leão).

Vários artigos sobre assuntos de arte, publicados em Autores e Livros, (vols. V e VI) com o pseudônimo de Raul de São Victor.

Tem a publicar um livro de poemas — Murmúrios; um romance — Circé; e um diário — A Ronda dos Astros.

## A RONDA DOS ASTROS - Maria de Lourdes Pires da Rocha

A "Ronda dos astros" será o título do livro que ora inicio. Parece-me que ele dá forma a esta idéia enraçada que brinca no fundo do meu pensamento... "todos nós, somos outros tantos astros presos a outros sistemas planetários que, por sua vez, estão sujeitos a planetas maiores que os atraem e subjugam, obedecendo às mesmas leis da força e do poder".

M.... é o sol da minha vida, e, em torno dele, pobre astro de pequena grandeza que sou, em constante rotação, debruço o meu movimento de translação, atraída pelo calor e pelo brilho que dele provém. Ora iluminada pela luz do seu amor, ora banhada na constelação penumbra dos seus momentos de inspiração, vou sofrendo as alterações do seu estado de espírito e as influências que sobre ele são exercidas pelas diferentes forças que regem o "cosmos" onde se debate a nossa pobre vida.

No meu movimento de rotação sinto-me acompanhada constantemente pelas minhas três luas, os meus três satélites; a "pintura", a "música" e a "poesia". Imagino-me coloridas... azul, dourado e roxo são as suas cores. De diferentes tons, subtile e didáticos, é a luz com que me envolvem. A pintura, vejo-a com a cor que predomina nos meus quadros, onde o mar, o céu e a atmosfera é sempre azul. A música é cor de ouro, Tchatchouisk... a 3ª Sinfonia... Uma apoteose de luz dourada e quente! Quando por ela banhada, sou profundamente feliz e intensamente agra-

de. Sinto-me livre, num espaço cintilante!

A poesia para mim é roxo, dourado, azul, e mística. Sobre seu manto tomo o conhecimento do sublime estado da minha existência, do aniquilamento absoluto. Uma dissociação de células, um desagregamento e absorção do meu ser pelas forças universais. Vivo então uma vida intensa, diferente e total, na infinita multidão de personalidades captares, aninadas e multiplicadas, que vibram em uníssono e em harmonia com o universo inteiro.

São os três luare, azul, dourado e roxo, que dão a coloração misteriosa e inquietante à minha mulher e intangível personalidade.

A minha lua azul, envolva, em manifestações de arte a habita da minha existência na manhã de hoje. G.... J. M. e eu mesma, pintamos o mesmo retrato; e o mais divertido é que é o meu próprio retrato que pintamos. Interessante comparar os três trabalhos, realizados por tão diferentes sensibilidades. J. M., introspectivo e emocional, me transforma em uma figura de Picasso, arredondada e suave. G.... exuberante, exibicionista, realiza um trabalho original e personalíssimo, que risca pela caricatura, a pintura que existe em mim, desenvolve-se, infelizmente, numa sensação de demonstrar hostilidade do que não de explorar, que sinto de novo e de atrair, na minha arte. O autor retrato, embora revelando umha (continua na pag. seguinte)



Maria de Lourdes Pires da Rocha, em um retrato a óleo de A. Guignard

## SUPLICA

Aproxime-se a luz da minha alma mas eu existo nas trevas...

Extingua-se a chama que a aquecia mas envolva-me ainda a teu calor...

Minha alma tornou-se um deserto imenso, es a tua angustia que conserva a vida latente.

No desespero da minha solidão procura-te e te encontro ainda!

Não te apagues, não te extingas, não te desagregues na aniquilação geral!

(Murmúrios)

## ISOLAMENTO

O mundo está vazio!

Atravesso ruas infinitáveis, percorro edifícios gigantescos e parques deslumbrantes, ninguém!

Busco outras cidades... A mesma solidão!

O mundo está vazio...

(Murmúrios)

## REVELAÇÃO

Deus está contigo, Deus de quatro faces...

Aquele que tudo vê, tudo ouve, tudo sente e o que cala está contigo!

Um dia Ele dirá a palavra única que contém a vida e que contém a morte, um dia Ele a proferirá!

Terei então a compreensão suprema. Como Ele criou, verá e sentirá o harcor de todas as iniquidades cometidas

em todos os mundos E, muda de espírito, me abismarei na confusão do caos.

Está contigo o Deus de quatro faces!

(Murmúrios)

## CONFIDENCIA

Mar, eu não te amo! És violento, és trágico e inconstante és traidor e infiel!

Mar, não posso fugir-te! És envolvente e acariciador, possues todos os encantamentos, artistas e absorves...

Semelhante ao mar assim és tu, Amor!

(Murmúrios)

## O CANTO DA CONDENADA

Quanto ouro, quanta luz, quanta alegria!

Aproximo-me.

O ouro se desliza a luz se extingue e escuto soluços na treva.

(Murmúrios)

## INCOMPREENSAO

Corri sobre o gelo, atrás de ti. O frio tornava lírio o meu corpo. Montanhas de neve desabavam e eu pressigui, chamando-te.

Encontrei no meu caminho memórias e estranhos seres, perguntava por ti, não me respondias.

E eu seguia sempre...

Encontrei-te, afinal, sorridente e feliz. Ignoravas a desolação em torno.

Nada te conta da minha angústia e permanecemos como desconhecidos...

(Murmúrios)

## EXTASE

Súbito senti a tua presença e o meu espírito quedou-se em adoração... "Amado meu, perdó!" Ha muito que chegaste, eu sei! Perdó...

Então tanto por mim e eu, louca e insensível, envolvendo-te embora, não te vejo e fujo-te e procuro aumentar as barreiras que me apartam de ti.

És infinito no teu amor, porém. E quando me vás perdida e alucinada tomas-me ao colo e cantas, e me adormeces, como se eu fora uma criança! E livre, então, repouso toda em ti...

Não mui a tua face à minha, envolveu-me no seu manto e projetou-se comigo no infinito...

Conheci, então, o êxtase da suprema felicidade que nenhuma palavra pôde descrever...



# NOVOS - X -- Maria de Lourdes Pires da Rocha

## DA INFANCIA DE CIRCE - Maria de Lourdes Pires da Rocha

voltando à sua infância, Circe lembra a infância da pequena Sílvia, filha de uma família de nobres, que viveu na cidade de Vila Rica, no Rio de Janeiro. Sílvia, filha de uma família de nobres, que viveu na cidade de Vila Rica, no Rio de Janeiro.

Viveu a pequena Sílvia, filha de uma família de nobres, que viveu na cidade de Vila Rica, no Rio de Janeiro. Viveu a pequena Sílvia, filha de uma família de nobres, que viveu na cidade de Vila Rica, no Rio de Janeiro.

Sílvia, filha de uma família de nobres, que viveu na cidade de Vila Rica, no Rio de Janeiro. Sílvia, filha de uma família de nobres, que viveu na cidade de Vila Rica, no Rio de Janeiro.

Sílvia, filha de uma família de nobres, que viveu na cidade de Vila Rica, no Rio de Janeiro. Sílvia, filha de uma família de nobres, que viveu na cidade de Vila Rica, no Rio de Janeiro.

Sílvia, filha de uma família de nobres, que viveu na cidade de Vila Rica, no Rio de Janeiro. Sílvia, filha de uma família de nobres, que viveu na cidade de Vila Rica, no Rio de Janeiro.

Sílvia, filha de uma família de nobres, que viveu na cidade de Vila Rica, no Rio de Janeiro. Sílvia, filha de uma família de nobres, que viveu na cidade de Vila Rica, no Rio de Janeiro.

como se fosse uma revelação do passado, que a pequena Sílvia, filha de uma família de nobres, que viveu na cidade de Vila Rica, no Rio de Janeiro.

Agora, porém, ao transferir-se para a vida adulta, Sílvia, filha de uma família de nobres, que viveu na cidade de Vila Rica, no Rio de Janeiro.

Sílvia, filha de uma família de nobres, que viveu na cidade de Vila Rica, no Rio de Janeiro. Sílvia, filha de uma família de nobres, que viveu na cidade de Vila Rica, no Rio de Janeiro.

Sílvia, filha de uma família de nobres, que viveu na cidade de Vila Rica, no Rio de Janeiro. Sílvia, filha de uma família de nobres, que viveu na cidade de Vila Rica, no Rio de Janeiro.

Sílvia, filha de uma família de nobres, que viveu na cidade de Vila Rica, no Rio de Janeiro. Sílvia, filha de uma família de nobres, que viveu na cidade de Vila Rica, no Rio de Janeiro.

Sílvia, filha de uma família de nobres, que viveu na cidade de Vila Rica, no Rio de Janeiro. Sílvia, filha de uma família de nobres, que viveu na cidade de Vila Rica, no Rio de Janeiro.

poriam a rir e, furtivamente, a olhar-se pelas vestes. Via já a pequena Sílvia, filha de uma família de nobres, que viveu na cidade de Vila Rica, no Rio de Janeiro.

Tudo se portava a rir e, a freira, severa, via puxar-lhe insistentemente pela mão e conduzi-la para o lugar que lhe era destinado. Depois repetiria as palavras, isto é, um murmúrio de palavras que se repetiam, acompanhadas de gestos mais ou menos acentuados, e que era necessário serem feitos sempre do mesmo modo, com a mãozinha enfiada na frente, no peito, de um lado, de outro lado, e na bequilha. Circe procurava sempre, furtivamente, adivinhar aquelas coisas, para que não se rissem dela. Mas, não, dizia-se a freira, passou sem se deter, e encaminhou-se para outra sala. A meninazinha parou no umbral, admirada. Era ali que se faziam anjinhos, senhores lindos e senhoras de roupas extravagantes...

Eram tantas, tantas... de todas as cores e tamanhos... e o que muito a surpreendeu foi verificar que era que ela o conhecia, na sua amiguinha com anjinhos também! Circe estava entusiasmada... Para camuflar a sua alegria, viu o grande parque todo aberto... Se quisesse podia ir passear a vontade no grande lago e rever a senhora da gruta, que tinha uma menininha, pouco maior do que ela, sempre ajoelhada no seu pé... Para ela era a mais linda de todas as senhoras porque, muito se parecia com a fada dos rapatos, estampada no seu livro de contos. E tudo isto acontecia estando ela de mãos dadas com a mãe, a quem não permitiam nunca transpor os braços do parafuso. Circe agarrava-se com força, temendo perdê-la, quando uma das freiras aproximando-se, murmurava qualquer coisa no meio do ruído das pedrinhas e carregou-a pelo braço e a conduziu...

O seu pequenino coração contraiu-se de medo e de tristeza. Tudo estava tão lindo, mas ela não encontrava tranquilidade naquele céu. Todos corriam de um lado para o outro e os anjinhos brigavam às vezes, porque queriam as cores de rosas uns dos outros e irados em nada se assemelhavam aos querubins que ela amava apreciar de sermão muito lindos nas suas vestes douradas, de tons variados onde predominava o ouro. Levada pela mão da freira, ela pensava que, com certeza, iria, como nas outras manhãs para o enorme refeitório, onde se via a forçada a descobrir em tantas e tantas mesas enfeitadas, o seu lugar, entre a multidão dos diabinhos, que se

bem sapatinhos de setim, e levavam sobre os cabelos escuros uma grinalda de rosas... Ganhavam umas lindas azas branquelas e se pudessem voar? Iria experimentar, ao dezer os degraus do parque. Nem sentiu a alegre expectativa de envergar as roupas lindas, quando a colocaram sobre uma cadeira. Levaram-lhe o uniforme e vestiram-lhe alguma coisa como uma pele de cabra. Circe recusou, horrorizada... Que significavam aqueles penos supor?

Uma grande indignação acendeu-lhe o olhar. Porque deixavam o seu corpinho quasi nu, envolto naquelas trapos de lã mal cheirosos? e aquelas saídas de couro preto, amarradas até os joelhos? O que havia feito ela, para ser assim castigada? Num impulso, arrancou toda aquela humilhação de cima de si, e arremessou longe os seus paus toscos que se cruciavam e que lhe disseram que aguentasse. As irmãs tiveram um murmúrio violento de reprimendas e o barulho das pedrinhas dominou por um momento a algazarra dos anjos.

Nesse momento surgiu na porta sua mãe, acompanhada de várias freiras e, ao contrário do que Circe esperava, pegou toda aquela lá e veio colocá-la sobre os seus ombros. Também ela veio castigá-la, assim, na frente de todos!

Era muito para a pequenina, que procurou em soluços. A mãe esforçava-se por consolá-la dizendo-lhe que aquilo era muito bonito. Vestiram-na, colocaram-lhe o pau toco nas mãos, e levaram-na para o grande salão. Deixaram-na sozinha, no meio de uma enorme fila de anjos e de Senhoras de lencinhos. Todas andavam em grupos. Ela, unicamente, devia seguir sozinha, na sua feia roupa de pelos sujos... Nada a pôde consolar! Não pôde sequer reagir, porque se sentia sozinha. Foi sua própria mãe quem ajudou no castigo! E isso foi para Circe o mais incompreensível, o mais doloroso, o que fazia marejar-lhe-se os olhos das odiadas lágrimas, que, já prestes a rolar, completariam a sua vergonha, tornando-a o escárnio da multidão, que se compunha para assistir ao seu sacrifício. Para onde a sendo levada, o que aconteceria depois, ela não sabia, mesmo lhe era indiferente.

Foi um instante contendo em

si toda a sua vida futura e, — quem sabe? — também outras tantas vidas passadas e a solidão de todos os mundos e talvez também uma partícula da cor do porphyro sublime, que assim andou até o monte do suplicio, sob o apoio da multidão que antes o aplaudia. Mas, para ele, havia ainda as lágrimas das mães dolorosas das mães, enquanto que para a pequena Circe o rosto amarelo que ela via, enquanto, entre tantos outros desconhecidos e escarnidos, também era modelado e esculpido. O sofrimento sustentou o pequenino corpo.

Sua primeira grande dor a sustentou da solidão que a dominou, emprestaram-lhe as alivios das vitórias e dos seus conhecidos. E a pequenina, abraçada à sua cruz protetora, se viu, com a fronte erguida e o rosto coberto por lágrimas silenciosas, o corpinho inundado que a levava para um fim desconhecido...

(Trecho do romance "Circe", inédito).

### A RONDA DOS ASTROS

(Continuação do pag. 258)

cimentos de pintura, muito me distancia da brutal e expressiva realidade que busco.

Desembaraço-me, pensando que terei de demonstrar o entusiasmo que sinto, na arte de pintar o que já foi pintado, para depois, então, se ainda me for possível, tentar desenvolver o que acredito ser a minha verdadeira expressão artística.

O que busco nos meus modelos, para fazer-lhes a obra, o espírito, o temperamento, e quero aliar a isso o máximo de simetria física possível, empregando, para o conseguir, uma técnica toda voltada para a pesquisa na matéria, com sinceridade, com brutalidade se preciso for... Quero a personalidade do máximo e puro, que me permita, nesta realidade, situá-la numa passagem interpretativa.

Podem ser que tudo isto seja loucura, mas é onde eu sinto a minha realidade artística, se tiver forças para tanto...

### NOTA SOBRE "OS MESES"

O leitor encontrará na página seguinte um poema de Francisco Coppe — "Os Meses". Foi esse poema traduzido em colaboração por Valente Magalhães e Fernando Correira. Publicado em "A Manhã" nos meses de Abril e Maio de 1934, trazia cada dia a continuação de seus versos.

Dois poemas desse poema — Maio e Setembro — foram feitos em colaboração de Valente Magalhães e Raimundo Correira, por esse motivo se recolheu a celebração dos Sinfonias. Um número — o de Janeiro — foi feito só por Valente.

Na publicação que hoje fazemos, restaram apenas a sequência do poema, transcrita para o seu lugar os versos do Maio e Setembro, que se encontravam no Sinfonia de Raimundo Correira.

*Meditando*  
Sílvia, filha de uma família de nobres, que viveu na cidade de Vila Rica, no Rio de Janeiro.

Um autógrafo de Maria de Lourdes Pires da Rocha — "Meditando".



# OS MESES -- (F. Coppée)

I  
Janeiro

Amor, penoso, amado,  
— Estando já tão longe,  
Por que a porta fechada  
Gostei o infernal tirado?

Que ipse o amano piedoso,  
Oa desolada, povo exil,  
Por um dia tormentoso,  
Vou um dia ao Sul?

Que mais das tuas ideias  
Fugiu tanto viajar,  
E more as tuas estradas  
Sobre a terra, a nevar?

E, mudas, tristes, trancidos,  
Deporaram-se nas solidões?  
Que passamos unidos  
A que das tuas canções?

Estas das tuas personagens  
Formam tanto mistério?  
Pensas n'elles? Entendem  
Seus cantos pitagóricos?

Falaste-me em terras suaves,  
Das aves de abril em flor...  
Mas outras serão as aves,  
E saberá teu amor?

Valentim Magalhães

(A Comédia, de 19-4-1881)

II  
Fevereiro

Ah! dias, repleta de amores  
Ardor, a terra, a primavera,  
Seu amor é um perfume-lim,  
Mortuário de Passarinhos.

Tese, vilão-ber, as queridas  
Aves das correntes perigo,  
E as tuas canções  
E a seguro e quente abrigo.

E as tuas ideias, medrasas,  
Em seu mundo de luz,  
Como nos, escuras,  
Agastando o amor futuro.

E as tuas ideias, medrasas,  
Em seu mundo de luz,  
Como nos, escuras,  
Agastando o amor futuro.

Ah! dias, repleta de amores  
Ardor, a terra, a primavera,  
Seu amor é um perfume-lim,  
Mortuário de Passarinhos.

Tese, vilão-ber, as queridas  
Aves das correntes perigo,  
E as tuas canções  
E a seguro e quente abrigo.

Valentim Magalhães  
Raymundo Corrêa

(A Comédia, de 20-4-1881)

III  
Março

As vezes, errei amado,  
Zangado em pensar-te mais  
A julgar, não distante  
As tuas canções?

Vou-me de março na granzor  
O sol, que trancou depois...  
E depois do arado, os sorrisos  
Do jardim, de novo, os dois.

Amor, penoso, amado,  
— Estando já tão longe,  
Por que a porta fechada  
Gostei o infernal tirado?

Que ipse o amano piedoso,  
Oa desolada, povo exil,  
Por um dia tormentoso,  
Vou um dia ao Sul?

Valentim Magalhães  
Raymundo Corrêa

(A Comédia, de 1-5-1881)

IV  
Abril

Só quem não ama, não sente  
Da primavera a emoção,  
Assistindo indiferente  
Das aves a emigração:

E vendo o bando lírio,  
Que no céu da tarde avança,  
Não vê belo o menageiro  
Da mala lírio esperança.

Ah! meus dias correm:  
De manhã, não a regressar,  
As tuas ideias me vêm  
Na primavera a chorar.

Mas desde que a minha vida  
Teu domínio foi sentido  
De abril aos beijos, querida,  
Abandoni-me sorrindo.

Desque ao teu olhar, estrela,  
Todo o meu ser floresceu  
Eu vos espero à janela  
O peregrino da noite.

Povos de novo a face  
Do azul, fulgurosa e calma...  
Se o meu desejo vuisse!  
Se eu acesse tivesse n'alma!

Valentim Magalhães  
Raymundo Corrêa

(A Comédia, de 1-5-1881)

V  
Maio

Fiz um mês festei-te embora;  
E eu sou de ti distante,  
Embalde viceja a flor,  
O lilaz fresco e odorante.

A sós, fujo ao claro brilho  
Deste céu, que me exaspera,  
Pois aumenta o horror do exílio  
O esplendor da primavera.

Contra os vidros transparentes  
Da alcova de onde não saio,  
Bateu as asas tremendo,  
Quão os insetos de maio.

Do sol ao rutilo brilho  
Certo o lírio, desgostoso,  
E se, do lilaz desejo  
O grito ruído cheiroso,

Pois, em meio as tuas dores,  
Do lilaz, minh'alma, em andas,  
Vê tuas ideias — nas flores,  
Teu hábito — na fragrância.

Raymundo Corrêa

(A Comédia, de 9-5-1881)

VI  
Junho

Do curso lírio e breve  
Desta vida, o passarinho  
E o homem sempre o instinto teve  
De fabricar o seu ninho.

Um pouco de argila ou palha  
Dispersa e fazem o teto,  
Que humilde e quente agasalha  
Seu prole e seu afeto.

Por um lírio feminino  
Trocado, sembar minh'alma,  
No amor, unhar-se no lino  
Da ventura íntima e calma.

De fabricar, fulgido,  
Meu ninho tive o desejo,  
Mas um talão impetuoso  
Venceu-me a tenue bosquejo.

Sobre meu trido caminho  
Meus sonhos vejo tombados  
Como as aves que de um ninho  
Cham por terra quebrados.

Valentim Magalhães  
Raymundo Corrêa

(A Comédia, de 10-5-1881)

VII  
Julho

Palas o azul, fúnebre o chão,  
Mede a colônia no trigo,  
Fol o galpão — bento inimigo —  
Derro a minha alusão.

Como inerte a natureza  
Do implacável Thermidor;  
Mas se acesa o meu canção  
Na saudade e na tristeza.

Coração — antes morrer,  
Já que não posso, ao menos,  
Vemtar os teus venenos,  
Nem teus sonhos esquecer.

Primeiro dia insolente!  
Coração, estoura enfiar!  
E que eu inundado, assim,  
No teu sangue rubro e quente,

Como o apóstata da Cruz,  
Em torva blasfêmia exangue,  
Lance, as mãos cheias, meu sangue  
As ironias da luz!

Valentim Magalhães  
Raymundo Corrêa

(A Comédia, de 11-5-1881)

VIII  
Agosto

Do tanque um ângulo enasombram  
As ramarias vísceras,  
E as gramíneas caprichosas  
Flurindo, as pedras alfombram.

Ao arder do meio-dia,  
Vou as aves esperar,  
Que, numa doída alegria,  
Vão banhar na penas banhar.

Saltam vivas, brilhantes,  
Comoagulhas de brasa,  
E o vôo erguido, das asas  
Tingem perolas, diamantes.

Eu quisera, alma abatida,  
Desses aves o viver...  
Que apenas subem na vida  
Cantar, amar e morrer!

Valentim Magalhães

(A Comédia, de 14-5-1881)

IX  
Setembro

Cinco meses passet do meu amor distante;  
Bonda o meu coração e alto o tempo contanto,  
Na inocência, em maio, eu, no vernal frescor,  
Muito sofri pensando em seus anos em flor.

Porém, em junho, o prado as rosas perfumando,  
E eu em seu respirar muito sofri pensando.

Quando as noites em julho eram laços de luz,  
Muito sofri pensando em seus olhos azues.

Foi-se agosto; e setembro na pomares toreja  
Bem que o meu coração calmo e tranquilo seja.

Sua lembrança tem sempre o mesmo poder  
Basta os olhos fechar para a tornar a ver.

Valentim Magalhães  
Raymundo Corrêa

(A Comédia, de 17-5-1881)

X  
Outubro

Antes que o frio dele as águas; antes  
Que o ard cubram as nevas hibernais  
Ou as últimas aves suspirantes;  
Ve o florir dos últimos rosas.

Por um momento ainda outubro luto  
Tadas as coisas com seu brilho munda,  
A névoa do Outono, as folhas de ouro  
Tão um ar de beleza munda.

Falco, que essa tristeza fria e austera  
Não dum mundo tempo — é coração!  
E apesar dela, o coração, espera  
E vira o curso à rápida estação.

Conserva a tua cadeia derradeira,  
Espera a morte, que não bate as portas  
E vira a morte, que não bate as portas  
E vira a morte, que não bate as portas.

Valentim Magalhães  
Raymundo Corrêa

(A Comédia, de 18-5-1881)

XI  
Novembro

Vejo, preso do inverno, em minha câmara,  
Para terras distantes,  
Pois seus de novembro trem os passaros,  
— Últimos emigrantes.

Vão, das chuvas cortando as grossas batéias  
Vão... neutras eus águas,  
Há de recordar-lhes a plumagem unida  
Outro sol, outra luz.

Sou como a natureza fria e trêmida  
Sou um clima pluvioso,  
E um sol apenas rutilando alegre-mor  
— Seu olhar mudo.

Por que as aves, por no culto vítima  
De mais dura penar,  
Pois não ter o mundo como os passaros  
De vitar, de voar...

Valentim Magalhães  
Raymundo Corrêa

(A Comédia, de 19-5-1881)

XII  
Dezembro

Dezembro entre gelos finia; —  
Pia o mocho! que saudade!  
Que fundo sentar que infina  
Tristeza teu solo invade!

Não quisera rater o escuro  
Curro velloz desses dias;  
Quanto serão, no futuro,  
De dor! quantos de alegrias!

Deixa que escoem-se os anos!  
Nem bello — que desenganos!  
Que espinhos numa só flor!

Valentim Magalhães  
Raymundo Corrêa

(A Comédia, de 20-5-1881)